

Stroszek ou a Busca Vã dos Desajustados

(Stroszek - Alemanha - 1977)

Por João Carlos Sampaio (do livro Os Filmes que Sonhamos)

A primeira imagem de *Stroszek* traz um corredor e grades. Lá do fundo surge o protagonista da história, que se chama Bruno e tem o sobrenome que dá título ao filme. O personagem é interpretado por Bruno S., um ator descoberto pelo cineasta Werner Herzog dois anos antes, quando o escolheu para viver o intrigante *Kaspar Hauser*, uma espécie de mistério em corpo de homem, tomado por todos como louco.

O nome não é a única coisa em comum entre Bruno S. e Bruno Stroszek. Ambos tiveram passagens por instituições psiquiátricas, gostam de tocar instrumentos musicais e têm olhos perdidos, lançados para o nada. Bruno S. fascinou tanto a Herzog que ele precisou, três anos e três filmes depois, voltar a dirigi-lo.

De certa forma, Bruno Stroszek é o adulto no qual o inocente Kaspar Hauser se transformou. Também param por aí as ligações e coincidências. Herzog construiu um filme amplamente diverso do anterior. O indecifrável, como sintoma da loucura, ou talvez a loucura que se manifesta pelo indecifrável, não ocupa mais o centro da trama. Permanece apenas a sensação de desajuste, um elementar desconforto com o mundo.

Quando Stroszek atravessa o corredor e chega à tela ele é um sujeito quase livre, apto, segundo os outros homens, para sair do limbo. Logo em seguida, vê-se uma atmosfera de despedida, com o personagem sendo acarinhado por seus colegas de manicômio. Ele parece titubear a respeito do que pode fazer do lado de fora, lá naquele lugar que lhe foi ingrato antes, o mundo.

Depois de ouvir, não sem resistência, o conselho para não voltar a ingerir bebidas alcoólicas, é posto para além dos portões. Com seus trapos de roupa, seu acordeão e uns trocados, experimenta a rua e vai se refugiar num lugar que lhe parece menos hostil, o bar de sempre.

Por lá, encontra as pessoas de antes e uma que o agrada um tanto mais, a prostituta Eva, encarnada pela atriz Eva Mattes. Ele a vê maltratada por malandros, dois cafetões, e a convida para fazer parte de seus novos dias.

Sem muitas opções, Eva o acompanha até a sua casa, que foi cuidada pela generosidade do vizinho, um ancião chamado Scheitz, interpretado pelo veterano ator Clemens Scheitz.

Pela terceira vez, o nome do personagem e o do ator se confundem, justamente porque estes três constituem o eixo central da trama e, pelos olhos do diretor, têm de estar muito compromissados com uma certa verdade, um sentimento de mundo proposto por esta ficção e não tão claramente verbalizado nos diálogos.

Scheitz recebeu um convite de um sobrinho que mora na América e pretende se mudar para lá. Ele parece não ter muito apego, nem encontrar sólidas razões para estar no lugar e na vida

que leva. Não demora e os outros dois, Bruno Stroszek e Eva, também chegam à conclusão de que suas vidas podem melhorar longe dali. A América é a terra prometida, o lugar onde os sonhos podem se realizar, quem sabe à sombra da magnitude da Estátua da Liberdade.

O trio vai visitar alguns cartões postais da Terra do Tio Sam, mas a América que lhes cabe não tem cara de urbe. Na verdade, é um não-lugar, uma planície interiorana, semi-deserta, onde o sobrinho de Scheitz mantém uma pequena propriedade e uma oficina mecânica. Por lá, todos arrumam emprego e até uma casa pré-moldada, que chega puxada por um caminhão e é depositada ali, para que Eva e Bruno a ocupem.

Tudo parece dar certo, perfeito para um final feliz. É neste ponto que Herzog engata seu discurso. Os dois terços seguintes vão dar conta das experiências que farão os personagens sentirem na carne o citado desconforto com o mundo. As estranhezas vão se somar de uma maneira tal que a frágil relação estabelecida entre os três se mostra incapaz de mantê-los a salvo.

A verdade é que os três personagens seguiram amparados, uns pelos outros, sem nunca estarem, de fato, juntos. Cada um deles se viu acuado por tudo aquilo que os cerca. Bruno Stroszek e seus parceiros de viagem sempre estiveram e estão isolados em si mesmos, perdidos, deslocados das coisas que regem a vida em sociedade. Agora, parecem ainda mais desvalidos, porque estão geograficamente longe do lugar de suas memórias. Sejam elas boas ou ruins, o fato é que perderam todas as referências que possuíam.

*Stroszek*, o filme, pode ser entendido como mais uma fábula sobre a falência do sonho americano, até porque Herzog não deixa de inserir na história, e verbalizar nos diálogos cuspidos pelos personagens, a sua desconfiança para com esta imagem dos Estados Unidos. No entanto, esta obra parece ser mais do que uma crítica ao “american way of life”, é uma alegoria sobre a sensação da ausência de colo de mãe, de pátria, de mundo.

Kaspar Hauser, ou melhor, Bruno Stroszek, resolveu visitar a terra dos homens e por lá não achou mais do que uma casa que anda, ou seja, um lar que pode se mover e abandoná-lo, simplesmente porque as prestações estão atrasadas. A terra seca do deserto parece areia movediça, os pés pisam e não conseguem dar passos seguros. Natural, então, que o personagem desfaça o pacto com o mundo, desista do jogo e reencontre o limbo ou a loucura.

Interessante confrontar o tratamento cordial, honesto e zeloso que Bruno Stroszek experimentava no manicômio judiciário com a vida de homem livre na América, onde os que o cercam parecem bem menos amistosos. Ou melhor, os sorrisos e as palavras gentis parecem dizer o contrário. Não há como não se sentir rejeitado na “terra dos homens” e o caminho de volta parece estar fechado, talvez reste apenas força para manifestar o descontentamento, a revolta.

É sintomática esta relação da geração de cineastas alemães da qual fazem parte autores como Werner Herzog e Wim Wenders, por exemplo. Diretores que mantêm uma relação espectral com a América. Este último, que também adentrou nos Estados Unidos pelos desertos, com *Paris, Texas* (1984), tem filmado por lá mais vezes, seguindo os passos de outros tantos que os

antecederam, como Fritz Lang e a geração que deixou a Europa nos tempos da Segunda Guerra Mundial.

Herzog, que somente nos últimos anos filma com mais frequência nos Estados Unidos - películas como *Rescue Dawn* (O Sobrevivente, 2006) e *The Bad Lieutenant: Port of Call - New Orleans* (Vício Frenético, 2009) -, parece ter finalmente encontrado a sua América ou o seu espaço de permanência (mora por lá desde 1995), um lugar que Bruno Stroszek, duas décadas antes, não teve a fortuna de achar.

Herzog não planejava, talvez, que Stroszek encontrasse um lugar no mundo justamente na América, mas era inevitável que ele tentasse. Sendo que a própria busca se torna algo que, a certo ponto, fica áspera demais para se continuar trilhando. Tudo que já soava precário perde o sentido de uma só vez, quando os parceiros começam a “descarrilar”. Scheitz perde a lucidez, Eva volta a se prostituir.

Na exuberante sequência final do filme - talvez uma das melhores que o diretor já cometeu - Herzog abandona a própria crença nos planos mais longos e na imagem que permanece na tela para se perpetuar. O trecho derradeiro de *Stroszek*, o filme, é um quase videoclipe.

A narrativa, até então constituída de uma dramaturgia realista (ainda que propensa a sintetizar ideias com símbolos), parte para um corte radical. O epílogo é tão somente (e não é pouco) um arranjo de metáforas, que se inicia quando o Bruno Stroszek gasta seus últimos dólares e arruma um jeito de disparar o acelerador para que o carro se mantenha em movimento mesmo sem motorista.

Ele anda até um parque de diversões bem ali perto e resolve disparar todas as máquinas. Entre elas, estão esquisitos passatempos com gansos, coelhos e galinhas, que são impelidos a se moverem em pequenos cubículos, repetindo ações condicionadas, que forjam situações humanas. A galinha, por exemplo, repete passos elétricos, como se dançasse. O ganso dispara um bumbo, o coelho, um alarme de incêndio. Sozinho, Bruno Stroszek promove um barulho infernal.

O caos que se estabelece embala o desenlace clipado, até que surge a desconcertante última fala do roteiro. Um policial, representante da ordem, sente que sua ação é insuficiente por ali, pega o rádio e faz um apelo, diz aos superiores que não está conseguindo fazer a galinha parar de dançar e, ridículamente, solicita: “precisamos de um eletricista”.

Estes últimos acontecimentos/alucinações são alegorias, que já não querem tratar das vivências de Bruno Stroszek ou dos outros personagens, nem mesmo deste policial anônimo, figura temporânea, clamando por ajuda.

Neste ponto do filme, o assunto é a reação desenfreada, irracional, o ato de um animal cansado de ser cercado, enxotado. Trata não mais de buscas e expectativas, mas de falta de ar, do exaspero que tomou conta de Bruno e de Werner. Ambos estão cansados de procurar sentido e tentados a transgredir, que bom que o fazem e com tanto vigor.